

# DESCOBRINDO UMA PEQUENA PARCELA DA IDENTIDADE NACIONAL: MUDANÇA ORTOGRÁFICA DA PALAVRA “BRASIL”

FRANCO, Maiara Ferreira Fraga do<sup>1</sup>  
SOUZA, Thales Ribeiro de<sup>2</sup>

**RESUMO:** Com o intuito de solucionar um questionamento levantado a partir das leituras de periódicos brasileiros, o presente artigo tenta solucionar os motivos sociais por trás da mudança ortográfica da palavra “Brasil”. Esta, antes era escrita com a letra “Z”, ou seja, “Brazil”. O recorde temporal utilizado pela presente pesquisa foi entre o séc. XIX até o séc. XX, usando como fonte principal de análise jornais, revistas e artigos da época. A análise coloca a significância linguística da mudança da grafia “Brasil” na história do país.

**Palavras-chave:** Identidade Linguística. Mudança Ortográfica. Brasil. Brazil.

## 1 INTRODUÇÃO

A pesquisa “Redescobrimo uma Pequena Parcela da Identidade Nacional: Mudança Ortográfica da Palavra ‘Brasil’” é um estudo realizado pelos acadêmicos Maiara F. F. do Franco e Thales R. de Souza para cumprimento parcial da disciplina de “Morfologia e Sintaxe Histórica” do curso de Letras – Língua Portuguesa da UNESC (Universidade do Extremo Sul Catarinense), orientados pela professora Dra. Fernanda Cizescki.

O presente artigo tem como objetivo identificar qual era o intuito histórico-social por trás da mudança ortográfica da palavra “Brasil” na língua portuguesa, esta mudança, por motivos que serão mais bem explicados a seguir, detinha anteriormente a grafia “Brazil”. Tomando como fonte de dados: jornais, revistas e artigos do séc. XIX e começo do séc. XX, levantou-se um detalhado panorama da incidência e, mais especificamente, das datas em que ocorreram a mudança da grafia “Brazil” para “Brasil” - ou, como em um caso específico que será posteriormente abordado, de “Brasil” para “Brazil” - esclarecendo assim qual era o intuito da mudança ortográfica ocorrida e desdobrando desta forma, suas circunstâncias e peculiaridades históricas.

---

<sup>1</sup> Acadêmica do curso de Letras da UNESC.

<sup>2</sup> Acadêmico do curso de Letras da UNESC.

Antes de se aprofundar nesta viagem histórica deve-se esclarecer que a presente pesquisa deu-se com 66 periódicos, que variavam entre si em questões de: i) Conteúdo - ativistas, comerciais, humorísticos, infantis, literários, políticos, religiosos, revolucionários e saúde pública; ii) Localidade - Bahia, Ceará, Rio de Janeiro, Maranhão, Minas Gerais, Paraná e São Paulo; iii) Período de existência - alguns periódicos tem alguns meses, outros, passam de mais de um século. Foram usados os seguintes termos como critérios de avaliação para o estudo dos dados encontrados:

- Dos 66 periódicos catalogados, foi estudada a incidência da palavra “Brasil” apenas naqueles que estavam disponíveis na Biblioteca Nacional Digital, seção artigos (esta seção contém todos os periódicos citados nesta pesquisa);
- Os periódicos que não continham em nenhuma de suas edições a palavra estudada não foram incluídos na presente pesquisa;
- Houve a observação do uso das duas grafias em vários periódicos, todavia, foram usados na pesquisa, aqueles que mudaram propositalmente e não por erros de impressão corriqueiros;
- Os erros de impressão dos jornais foram identificados por meio da ocorrência de uma grafia diferente do habitual em um determinado jornal, este, por exemplo, se beneficiava sempre de uma grafia específica, seja “Brasil” ou “Brazil”, entretanto, em dado momento acaba utilizando a outra, e depois voltava a usar a primeira.
- As datas colocadas nas seções “criação” e “mudança” da tabela em anexo a este trabalho variam da especificidade de um dia exato a um período relativamente mais longo, como meio século.

A pesquisa se detém no campo da atuação de estudo da língua brasileira em um viés histórico, em veias linguísticas, literárias, e de identidade nacional brasileira. O presente artigo tenta buscar a elucidação de um pequeno aspecto da mudança linguística ortográfica brasileira, para então deter o saber da ocorrência de uma peculiaridade da construção da identidade nacional, pois, ao desbravar a história fragmentada da língua portuguesa busca-se um melhor olhar da sociedade contemporânea em um perspectiva social, construindo um simulacro da realidade antes vivida no século XIX com as propostas nacionalizantes.

## **2 CONTEXTO HISTÓRICO-SOCIAL**

O Brasil passou por um importante período histórico-social no século XIX, no dia 7 de setembro de 1822 o país se viu em tempos de independência, com novas perspectivas de mundo e com novas chances de crescer no cenário internacional, seja social ou economicamente. Com esses novos ares de pós-colonização, o país trouxe a si a importante tarefa de denotar e construir uma identidade nacional que exprimisse sua peculiaridade perante toda e qualquer cultura. Pois, como observa Castilho, nos anos de 1808 a 1821, o Brasil tenta buscar uma nova visão de si para o mundo, uma visão que exprimisse sua natural reação de individualização como nação. Ele coloca que: “Modelos, teorias e poéticas passam a ser progressivamente submetidas à nossa reanálise crítica intimamente comprometida com a representação da realidade brasileira.” (CASTILHO, 2004, p. 25), ou seja, o país tentou encontrar um meio de tornar os conhecimentos do mundo como algo que podia ser visto pela realidade brasileira, pelo filtro de uma identidade nacional que fosse mais do que uma rele incubadora de ideais colonizadoras do império português. Neste mesmo período, vários foram aqueles - dentre pessoas influentes a grupos organizados - que com a intenção de reformular as visões exteriores da cultura brasileira, e demonstrar o desprendimento para com Portugal, tentaram reformular a identidade nacional, seja ela em vertentes artísticas, literárias, culturais,

e até, linguísticas. Aqui se pode citar como exemplo, uma fala do historiador Lizst Vieira, onde ele diz que:

No Brasil, difundiu-se [...] o conceito de “instinto de nacionalidade”, proposto por Machade de Assis ao relacionar romantismo e nacionalismo. Tal “instinto”, que se propalava como uma epidemia, dominou o pensamento ocidental durante todo o período [...] A produção literária, então, voltava-se para o projeto de afirmação da ideia de unidade nacional de forma efetiva, de modo que toda a matéria escrita, fosse de qualquer gênero, podia ser instrumento para alcançar o objetivo visado. (VIEIRA, 2009, p. 74).

Visto que a imensidão do território brasileiro era o maior obstáculo da conquista da independência, a crescente procura de uma imponência cultural individual fixou-se nos locais onde o objetivo se via mais propício à vitória. Levantou-se então, a reflexão observada por Tobias Monteiro. Ele diz que:

A língua, a religião, os costumes, tendiam a fundir o povo e dar-lhe homogeneidade de aspirações; mas esses mesmo elementos achavam-se também na metrópole. Ajudados além do mais pela atração da coroa, as exigências da administração pública e a influência do ensino, ministrado na capital. (MONTEIRO, 1981, p. 797).

No começo do séc. XIX, muitos periódicos adentraram no campo da comercialização em grande escala, circulando pelas capitais e cidades comerciais brasileiras, esses jornais, em sua maioria traziam notícias acerca da política, das ordens e leis feitas pela coroa portuguesa e também romances de sua maioria estrangeiros. Esses jornais deviam seguir as regras de ortografia da gramática portuguesa, como tal, apesar de haver uma difusão dos diferentes dialetos em diferentes pontos geográficos do país, a língua devia seguir uma só uma regra gramatical. Entretanto, com a independência do Brasil, e a busca de uma identidade nacional, as regras gramaticais se viram em constante mudança para readequar as necessidades dos falantes daquela época, ou seja, um processo totalmente normal, visto que, assim que uma dada sociedade vê-se em contato com outras culturas e também com uma nova realidade social, ela tende a reconsiderar seus modos de interpretação e colocação comunicativa.

Castilho diz que as propostas nacionalizantes derivadas do processo de independência deram subsídio a um ascender da indústria tipográfica e editorial brasileira. O autor coloca que:

De 1808 a 1821, a permanência de Dom João VI no Brasil criou condições indispensáveis à nossa expansão cultural e intelectual [...] fim da ação estranguladora da censura; importação de livros e seu comércio; estabelecimento de tipografias, dando início à atividade editorial e à implantação da imprensa periódica – jornais e revistas; formação de bibliotecas públicas particulares. (CASTILHO, 2004, p. 159).

Com esta constante ascensão deste tipo de indústria no Brasil, vários foram os escritores, redatores, e editores que se viram confiantes no ato de implantar um novo conjunto de leis gramaticais para reger a língua, trazendo assim um viés de identidade para com as novas obras brasileiras, e também para os diferentes novos escritores.

*A priori* a independência e suas consequências podem parecer mero esmero do destino, no entanto, vários foram aqueles que com sua pequena parcela de responsabilidade tornaram ativa a ideia da independência. O processo foi de certa forma longo, ele constituiu-se de pequenos fragmentos de um todo partilhado, o presente estudo visa a compreensão de um desses fragmentos, aqui, defende-se que a mudança ocorrida na grafia da palavra “Brasil” foi implantada no séc. XIX para uma construção de identidade nacional, pois, uma identificação de regularidade falante que se via no “S” reformulado da palavra “Brasil” tornava-se um acordo satisfatório e compreensível na comunidade de falantes do português.

### **3 ANTES: “BRAZIL”, AGORA: “BRASIL”. POR QUÊ?**

Ao longo do estudo dos diferentes periódicos, várias foram as situações encontradas na análise da palavra “Brasil” em suas respectivas grafias, ao longo da pesquisa observou-se que:

- 46 periódicos datavam do séc. XIX;

- 20 periódicos datavam do começo do séc. XX;
- 20 periódicos detinham a grafia “Brasil” em todas as suas edições;
- 22 periódicos detinham a grafia “Brazil” em todas as suas edições;
- 16 periódicos modificaram a grafia de “Brazil” para “Brasil” ao longo de sua existência;
- 1 periódico modificou a grafia de “Brasil” para “Brazil” ao longo de sua existência;
- 7 periódicos se beneficiaram das duas grafias ao longo de todas as suas edições disponíveis.

Na análise feita, pôde-se observar um fato muito importante: 44 periódicos se beneficiaram em algum momento da grafia “Brasil”, sendo que 27 deles datavam do séc. XIX, e 17 do começo do séc. XX. Este fato demonstra que a maioria do conteúdo tipográfico que circulava no país nos séculos citados viu-se em ares de construção da identidade nacional, logo, adotaram para si uma reformulação de sua própria gramática a um modelo que visasse a compreensão satisfatória de todo o público leitor brasileiro.<sup>3</sup>

Muitos destes periódicos datados do séc. XIX remontam questões e assuntos que se aqui desbravarmos mais a fundo veremos que eles traziam questões e objetivos propriamente de cunho nacionalizante, que difundem entre o público questões que respaldam na sagacidade da perpetuação de um desenvolvimento intelectual e cultural em âmbito nacional.

Um exemplo propício de análise neste contexto de ascendência dos periódicos são os chamados “Folhetins”, Castilho até denota sua importância histórica na fala:

Os periódicos se fazem veículo de difusão, através dos quais surgem a narrativa ficcional e um gênero novo, a crônica dos acontecimentos do dia ou da semana, ambos rotulados de “folhetim”. Veiculam-se ideias teóricas e críticas de interesse literário, agora incomparavelmente mais ricas e voltadas para o Brasil do que aquelas do Período Colonial. (CASTILHO, 2004, p. 177).

---

<sup>33</sup> A análise aqui estudada tem como objeto de estudo os jornais do séc. XIX e começo do séc. XX, colocando como exemplificadores da justificativa encontrada, no entanto, admite-se o não aprofundamento analítico de cada contexto social, origem etc. dos jornais usados na pesquisa.

Nesta passagem mais uma vez é levantada a importância da indústria tipográfica nacional, e também levanta a difusão dos folhetins, que em essência, eram pequenos romances publicados em jornais semanal ou quinzenalmente, criando um público leitor que sempre esperava por uma continuação. Estes romances acabaram por ganhar posteriormente título de marca da criação de uma literatura nacional, já que trouxeram grandes autores à tona, e tiveram papel ativo na formulação de um público leitor assíduo.

Voltando-se para as datas dos periódicos estudados, para melhor esclarecer os dados aqui dispostos, pode-se citar o “Jornal Idade d’Ouro do Brazil” criado em 14 de maio de 1811, que só manteve a grafia “Brazil” até a edição publicada em 2 de abril de 1822, após isso, a edição disponível de 27 de setembro de 1822, a grafia foi modificada para “Brasil”, mantendo-se desta forma a partir desta data, lembrando também que o título manteve-se com a palavra “Brazil” em todas as suas edições, nota-se neste jornal que a mudança ocorreu perto do dia da independência. Outro que pode ser citado é o “Jornal Diário de Minas”, que apesar de em suas primeiras edições datadas de 1 de junho de 1866 a grafia esteja “Brazil”, já em sua 4ª. edição de 5 de junho de 1866 a palavra foi reformulada para “Brasil”.

Outro periódico estudado é o “Jornal O Diário do Rio de Janeiro” que foi criado em 1 de junho de 1821, onde era usada a grafia “Brazil”, entretanto a partir de 31 de outubro de 1822 a grafia foi modificada para “Brasil”. Outro jornal que também pode ser citado é o “Jornal O Noticiador Catholico” onde em suas primeiras edições a grafia era escrita “Brazil”, no entanto, a partir de junho de 1848 a grafia mudou para “Brazil”.

Também houve aqueles que muito tarde optaram por modificar a grafia da palavra, ou até, nem sequer a fizeram. Como exemplo do primeiro ponto pode-se citar a “Revista Tico-Tico”, influente propagador de conteúdo voltado ao público infantil criada em 11 de outubro de 1905, está, só optou pela escrita “Brasil” em outubro de 1918. No segundo

ponto pode-se citar a revista ilustrada “A Bomba”, que manteve a grafia “Brazil” desde sua criação em 1913 até sua extinção no mesmo ano.

Vários outros periódicos podem ser aqui citados, todavia, a informação principal que se deve levantar é a de que estes jornais, revistas, etc. em algum momento se deterão no ponto de refletir qual era melhor forma de exprimir seu conteúdo, em um viés revolucionário, com a palavra com a grafia “Brasil”? Ou manter-se apegado ao sólido terreno da tradição da grafia “Brazil”?

Não aqui tentando responder este questionamento, mas identificando a reflexão daqueles que a tiveram que tomar, e resguardando como informação importante toda a sua contextualização histórica-social. Conclui-se após estas provas físicas da história nacional que a procura da identidade nacional trouxe a reformulação da palavra “Brasil”, e que sua modificação perpassou várias camadas da cultura da sociedade brasileira.

#### **4 A REFORMULAÇÃO OFICIAL DA PALAVRA “BRASIL”**

Os motivos histórico-sociais por trás da mudança da grafia “Brasil” já foram anteriormente citados, no entanto, um ponto que deve ser levantado é o de que também houve uma reformulação oficial da troca da grafia no país. Esta mudança ocorreu em 15 de junho de 1931, onde se lê no Art. 3, inc. XVI, "a" do Decreto 20108/31, assinado pelo então presidente Getúlio Vargas que: “Fixar a grafia usualmente dubitativa das seguintes palavras, seus derivados e afins: a) Brasil e não Brazil”.

Este acordo deu-se pelo acordo entre a Academia Brasileira de Letras e a Academia das Ciências de Lisboa, apesar de que a academia brasileira ter se posicionado contra este acordo, no Código Civil de 1916 a palavra já se mantinha com a grafia “S”, trazendo a si um viés mais etimológico e unindo em uma única forma gramatical a palavra.

Este decreto 20108/31 foi na verdade um acordo entre as academias dos dois governos, que tentavam trazer uma homogeneidade para ambas as línguas, buscando um meio de igualizar as referentes regras gramaticais, e assim não houver mais equívocos linguísticos.

Este decreto foi em sua essência, uma contestação oficial do que já vinha acontecendo em todo o Brasil, ou seja, veio demarcar oficialmente as consequências da busca da identidade nacional do século anterior, ele foi a personificação física de um evoluir da língua brasileira.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente artigo discorreu a respeito dos motivos por trás da mudança ortográfica da palavra “Brasil”, bem como suas significações histórico-sociais.

Para tal, foram usados como objeto de análise jornais, revistas, e artigos do séc. XIX e começo do séc. XX, buscando nos mesmos a data que estes trocaram propositalmente a grafia de “Brazil” para “Brasil”, para enfim, determinar um recorte temporal passível de análise.

A partir dos estudos realizados com os jornais que detiveram em si a mudança da palavra estudada, pode-se considerar que ainda não é certo dizer que há um fator concreto do verdadeiro motivo da mudança da palavra, todavia, pode-se considerar que com o tempo os jornais foram remodelando sua grafia por conta de uma nova exigência ortográfica nacional.

A análise construída por este artigo, detém um saber da construção da identidade nacional e conseqüentemente das propostas nacionalizantes, visa identificar objetivos talvez inalcançáveis, mas ainda assim, peculiares, e importantes na elucidação dos diferentes aspectos e fragmentos da memória nacional brasileira.

A proposta descrita foi a de que uma releitura ortográfica pode exprimir anos de trabalho e esforço por partes dos brasileiros dos séculos anteriores, quando o assunto era a busca de um país livre e completamente independente em um sentido cultural e individual perante a heterogeneidade do mundo. Um acordo de “Z” para “S” exprimiu toda uma história da nação.

## **REFERÊNCIAS**

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 43.ed. São Paulo: Cultrix, 2006

CASTELHO, José Alfredo. *A Literatura Brasileira: Origens e Unidade*. São Paulo: Edusp, 2004.

MONTEIRO, Tobias. *História do Império: A Elaboração da Independência*. São Paulo: Edusp, 1981.

VERDASCA, José. *Raízes da Nação Brasileira: Os Portugueses no Brasil*. São Paulo: IBRASA, 1997.

VIEIRA, Liszt. *Identidade e Globalização: Impasses e Perspectivas da Identidade e a Diversidade Cultural*. Rio de Janeiro: Record, 2009.